

Helena Gomes

a Adaga Mágica

Uma história da série
• A Caverna de Cristais •



ROCCO 

Helena Gomes

A Adaga Mágica

Sequência dos contos A Herança da Bruxa e O Primeiro Guerreiro

ROCCO EDITAL

SUMÁRIO

Ano 806 da Era Arthur

Ano 1280 antes da Era Arthur

Ano 806 da Era Arthur

Créditos

A Autora

— Erec, não te afastes demais! — pediu Hannah a seu único filho.

Claro que o menino de nove anos, teimoso e travesso como ele só, ignorou a ordem. Primeiro porque, se obedecesse, sua vida jamais teria gosto de aventura. Segundo porque a mãe não entendia que, em outra vida, o nome dele fora Drake. Erec, então, jamais seria Erec. Era Drake e pronto. Na verdade, sempre seria Drake, não importava que nome recebesse em seus renascimentos.

Drake olhou para Hannah, fez que sim com a cabeça, virou-se e pôs-se a correr em direção à floresta.

— Erec, volta aqui!

Há muito não se sentia tão livre. Deixava para trás a praia, onde passara a tarde brincando – observado pela mãe que, muito brava, agora o perseguiu. Há dois dias não nevava, o que permitira aquele passeio.

— *Erec!*

Ágil, ele se enfiou numa brecha entre arbustos que ela, como adulta, não conseguiria transpor. Teria de contorná-los, dando-lhe minutos de vantagem. Drake sorriu, feliz, seu corpo ganhando mais rapidez ao sair do atalho e alcançar o terreno de vegetação mais espessa. A voz de Hannah, chamando-o novamente, pareceu de repente distante e muito preocupada.

Ora, não havia motivos para preocupação. Seria só uma aventura curta, não muito longe do castelo de Sutter. Vivia lá desde bebê, para onde a mãe se mudara após se separar do marido e pai do menino, Kirian. Ele permanecera na corte, em seu papel de melhor cavaleiro no reino de Britanya, até desaparecer numa batalha contra os bárbaros nas Terras Ermas.

Do pai, Drake não se lembrava. Da mãe, precisava se afastar um pouco, pois seu excesso de proteção sufocava-o. Ela o vigiava o tempo todo, como se temesse perdê-lo a qualquer momento, e era isso que impulsionava um menino tão ansioso por independência quanto ele a seguir em frente naquela fuga. Agira sem planejar nada, atraído apenas pela vontade de ser dono do próprio nariz.

Quando, enfim, percebeu que a mãe não estava por perto, Drake interrompeu a corrida e, eufórico, começou a pular, comemorando aquela pequena vitória tão grande para ele.

Deu-se por satisfeito. Agora era voltar para casa, enfrentar alguma bronca e...

Ia retomar o caminho, mas alguém o impediu ao surgir do nada e lhe bloquear a passagem: uma mulher de olhos esbugalhados, tão transparente quanto vidro, que flutuava a poucos palmos do chão. Tentando parecer simpática, sorria para ele, exibindo dentes que se amontoavam em sua gengiva.

— Uau... — murmurou Drake impressionado.

Ao confirmar que não o assustava com sua aparência, ela lhe estendeu a mão.

— Você será o dono da adaga — disse numa língua que Drake curiosamente compreendeu, embora não fosse a britã.

— Que adaga?

— Venha comigo e descobrirá...

A verdadeira aventura estava ali, e não numa corrida divertida para fugir da vigilância materna.

Quando o eco da voz de Hannah, ainda chamando pelo filho, alcançou aquele ponto da floresta, não havia mais ninguém. Drake sumira sem deixar vestígios.

...

“Seis anos.”

Razeel arremessou uma azeitona nas chamas que ardiem na lareira, à sua frente.

“Seis anos desde que Kirian foi transformado em um hospedeiro nergal.”

Uma segunda azeitona foi fazer companhia à primeira.

“Seis longos anos e eu continuo aprisionado pela magia na minha própria casa!”

Mais uma azeitona tirada do pote de vidro que Drusila lhe dera na véspera, trazida diretamente do mundo tecnológico dos humanos em Gaia.

— Seis malditos anos andando em círculos nesta casa minúscula! — resmungou, furioso. Do interior do pote, seus dedos capturaram uma quarta vítima. O arremesso não saiu tão bom dessa vez: a sortuda azeitona escapou rolando e foi parar aos pés de Lyriel, a rainha das fadas que acabava de se materializar no local. Além de Drusila, era a única com conhecimento suficiente para burlar a magia que os elfos utilizavam para prender o rapaz.

— Meu pai odiava azeitonas — disse Razeel sem desviar os olhos do alvo. — Na minha infância, numa festa para comemorar meu aniversário e o da Nerit, eu me lembro de vê-lo arremessando na lareira as azeitonas uma por uma, só para irritar a esposa...

— Espero que você não dê o mesmo destino aos biscoitos de mel que minhas filhas prepararam especialmente para comemorarmos seu aniversário.

Ela deixou sobre a mesa o prato que carregava e se sentou no chão, ao lado do rapaz.

— Não há nada para comemorarmos — murmurou ele.

— Você está enganado, meu querido. Desde que você entrou para a nossa família, nunca deixei de comemorar o dia 18 de dezembro do calendário dos humanos. Hoje não é diferente, não importa quantos problemas existam lá fora. E sabe o motivo? Porque você é uma criança especial que faz parte das nossas vidas. Então, sim, sempre teremos um excelente motivo para comemorarmos seu aniversário.

Uma nova azeitona foi lançada para o fogo. Razeel esboçou um sorriso triste e manteve o passatempo em silêncio. Após alguns minutos, esvaziou o pote de vidro.

— Você precisa lavar roupa e limpar a casa — observou Lyriel após uma rápida análise do ambiente. A alguma distância, um varal improvisado esperava inutilmente por roupas que o elfo não poderia pendurar ao ar livre e que estavam jogadas num canto da cozinha. Pó e sujeira acumulavam-se por toda parte. — E quanto a você? Por que não se cuida?

Aquele mundo minúsculo a que Razeel estava limitado oscilava entre a tristeza e o desespero, ambos absolutos. Ele emagrecera muito por passar dias sem se alimentar; exibia uma aparência doentia e imunda que alarmava a rainha-fada.

Num impulso, ela puxou o antebraço direito do rapaz e levantou a manga comprida de sua túnica, expondo cicatrizes pequeninas que, junto ao pulso, formavam três palavras pertencentes ao praticamente desconhecido alfabeto nergal. Palavras que ele sempre mantinha escondidas sob as roupas.

Um tanto assustado, Razeel virou-se para ela, como se a enxergasse pela primeira vez ali. Depois, com raiva, quis se libertar, mas não conseguiu.

— Foi a Nerit que marcou você desse jeito, não foi? — prosseguiu Lyriel. — E por que mesmo sua irmã fez isso?

— Para que eu jamais esquecesse.

— Não. Foi para que você encontrasse forças nessas palavras e resistisse a todas as torturas, ao sofrimento... Ela sabia o que o esperava.

— Foram essas palavras que me fizeram suportar tudo.

— E por que você resolveu esquecê-las justo agora?

— Kirian... Ele...

— Eu sei o que aconteceu ao seu filho adotivo. E sei o que vai acontecer com você se continuar sentindo pena de si mesmo.

— Eu não estou...

— Está sim! E ainda gasta sua energia odiando Cerwin e a decisão dele de trancafiá-lo, em vez de direcioná-la para o que é realmente importante.

Razeel cerrou os dentes. Bufava.

— Leia! — mandou a rainha-fada.

A muito custo, ele baixou os olhos para as cicatrizes.

— Leia em voz alta, Raz. Quero ouvi-las!

Procurando se acalmar, o rapaz engoliu saliva. As palavras saíram sufocadas:

— Proteja os renascimentos.

— Repita!

Repetiu após alguns segundos. E com a voz trêmula.

Finalmente elas voltavam a fazer sentido para ele.

— Estraguei tudo... — admitiu, fitando Lyriel com a visão nublada por lágrimas. — Não posso adoecer. Preciso estar em forma, pronto para defender os renascimentos, e não me descuidar desse jeito...

Ela sorriu compreensiva.

— O que você precisa agora é de um pouco de ar fresco — disse-lhe ao cobrir as cicatrizes com a manga da túnica. — Se tomar um bom banho, vestir roupas limpas e pentear seus cabelos, prometo lhe ensinar um novo feitiço para sair daqui. Será meu presente de aniversário para você, meu querido.

...

Os cabelos de Razeel estavam tão embaraçados que a única solução encontrada por Lyriel foi cortá-los bem curtos.

— Guerreiros usam cabelos compridos — comentou o rapaz ao checar o resultado em um pequeno espelho pendurado na parede.

— E desde quando você age como um obediente guerreiro élfico? — retrucou ela.

O rapaz abriu um sorriso travesso como há muito não fazia. O banho caprichado dera-lhe novo fôlego, assim como as roupas de outro mundo: vestia calça jeans e camiseta de mangas compridas, além de calçar um par de tênis de cano alto. Um visual comum em Gaia — o planeta ocupado pelos humanos no outro lado da fenda espacial, ainda na Era da Tecnologia —, porém impensável nos mundos mágicos ou mesmo em Britanya, o reino medieval criado séculos após a Era do Caos devastar a Terra.

— Eram as únicas peças limpas do baú — justificou ele. — Você está certa. Preciso mesmo lavar roupa.

“Vestido desse jeito, você lembra tanto seu pai...”. Lyriel emocionou-se.

— Essas roupas foram presentes da Drusila, não? — perguntou, disfarçando as lágrimas.

— De aniversários passados. Não tive oportunidade de usar antes.

— E como sua amiga maluca consegue esses presentes? Não consigo imaginar nenhuma criatura mágica como ela entrando num... Como se diz mesmo?

— Shopping?

— Sim, num shopping em Gaia para fazer compras.

— Acho que ela não compra exatamente...

— Oh, entendo... — suspirou Lyriel, imaginando Drusila numa cena mais convincente: tomando as mercadorias que mais lhe interessavam na calada da noite e sem prestar contas a ninguém. — E você vai vestido assim para Britanya? Porque é lá que você vai no segundo que eu lhe ensinar o novo feitiço. Ou estou enganada?

— Talvez.

— Talvez? Hum, isso é promissor! Meu neto adotivo consegue enxergar outro destino além daquele mundo medieval?

Ele coçou a cabeça, encabulado. Tinha um convite a lhe fazer, mas a timidez sempre o obrigaria a dar alguma volta antes de ir direto ao ponto.

— Não sinto nenhum dos renascimentos em perigo, então deve estar tudo bem com eles em Britanya — disse. — Daí pensei que... Bom, nós nunca comemoramos seu aniversário. E eu nunca descobri quando é.

— Parei de comemorá-lo quando deixei de contar minha idade no milênio retrasado! — Lyriel riu.

— Como em Gaia ninguém acredita em fadas, então... O que acha de esconder suas asas, sei lá, colocar algum disfarce e ir comigo dar um passeio por lá?

...

Uma tarde e uma noite bastante agradáveis, sem dúvida. O passeio terminava com os dois misturados ao público que assistia a um concerto de música clássica ao ar livre, em um dos inúmeros parques de Gaia. Lyriel, apaixonada por música, disfarçava sua aparência feérica com um chapéu e um sobretudo enormes. Já Razeel escondia as orelhas pontudas sob um boné de seu time preferido de basquete. Passariam despercebidos se não fosse pela aproximação da criatura transparente, flutuante e conhecida do elfo e da rainha-fada: Drusila.

Sem reparar nos olhares curiosos que recebeu, ela se plantou diante de Razeel. Não seria alguém diferente como ela que assustaria o povo de Gaia, tão acostumado a tantas raças alienígenas.

— Mãe, essa raça eu nunca vi antes... — Um garoto apontou logo atrás deles. A mãe fez um “psiu” enérgico para calá-lo. Além de não ser uma atitude educada, nenhum humano se arriscava apontando para os outros, principalmente para alienígenas que poderiam não gostar nada de tanta atenção.

Não era o caso de Drusila, claro.

— Errei ao levar o jogador de outra partida do tabuleiro — disse para Razeel.

— Ahn?

A criatura, capaz de promover viagens no tempo, suspirou ruidosamente, reunindo paciência para explicar o que parecia óbvio para ela.

— Levei o Drake ao passado — resumiu.

— Você quer dizer... Levou o Erec, renascimento do Drake?

— O próprio.

— Mas ele só tem nove anos!

— Preciso de ajuda para resolver a questão.

— E a Hannah?

— Está desesperada à procura do filho.

— Mas eu...

Não sentira seu desespero, não pudera interferir na decisão de Drusila em carregar o menino para algum passado que...

— Para qual passado você o levou, Drusi? — intimou-a Razeel.

A criatura bufou e dirigiu-se a Lyriel, cobrando-a com o olhar como se ela também tivesse de enxergar o óbvio. A rainha-fada estremeceu.

— As roupas... — murmurou aflita. — Eu devia ter lembrado quando você as colocou após o banho...

— Lembrado o quê? — questionou o rapaz.

— Raz, escute... Tenha muito cuidado, entendeu? E não se esqueça do poder que há em seu espírito!

Confuso, ele olhou para uma e depois para outra. A orquestra era ovacionada pelo público após apresentar a última música da noite, a famosa “Cavalcada das valquírias”, de Wagner.

— Drake... Ele...? — Razeel teve medo de completar a pergunta.

— Você pode impedir a morte dele — disse Drusila.

Quando os dois desapareceram no ar rumo ao passado, ninguém ao redor pareceu se importar com a saída pouco convencional. Estavam em Gaia, certo? Sempre haveria alguma tecnologia inovadora por trás de toda e qualquer situação improvável.

Imensamente preocupada, Lyriel encolheu-se no agasalho. No palco montado metros adiante, o maestro inclinava-se para agradecer os aplausos.

...

A noite no parque ficou para trás em milésimos de segundos. Em seu lugar, a manhã luminosa encheu os olhos de Razeel, que demorou a voltar a enxergar onde Drusila o abandonara.

— Você apronta a confusão e agora me larga aqui, sozinho? — resmungou ele.

Estava numa floresta de clima temperado, pontilhada por faias, carvalhos e pinheiros altíssimos. Lembrava Britanya na primavera, mas na verdade pertencia a um dos mundos mágicos, um lugar que o rapaz tivera a oportunidade de conhecer havia muito tempo. Era Gorias, o Outro Lado, o mundo para onde o povo tuatha fora após se desentender com os celtas, na Antiguidade dos humanos do planeta Terra. Couchet, a última bruxa da Ilha Média, descendia dos tuathas, antigos aliados do primeiro rei de Britanya, Arthur. Pensando melhor... Como Drusila nem se dera ao trabalho de informar Razeel para qual época o conduziria, ele não tinha como saber se Arthur e os tuathas já eram aliados ou se isso ainda iria ocorrer...

Ao olhar para cima, além das copas inalcançáveis dos pinheiros, Razeel avistou o castelo real no alto de uma das montanhas que rodeavam o vale. Fora construído com madeira e imensos blocos de pedra num tom rosa muito claro, com suas paredes recortadas por inúmeros e gigantescos vitrais que contavam as façanhas daquele povo guerreiro, dedicado ao culto da Deusa-Mãe. O som de uma cachoeira, muito próxima, abafava o canto dos pássaros e o farfalhar das folhas tocadas por uma brisa gelada.

Aquele pedaço de paraíso seria devastado numa batalha que ainda não ocorrera para os tuathas, mas que Razeel infelizmente presenciara em sua adolescência. “Isso é confuso de entender”, pensou. Confuso, aliás, como tudo em que Drusila acabava se metendo.

Um calafrio. E a intuição afiada do rapaz avisou-o de que não estava mais sozinho. Ele espiou à sua volta. “Pó de fadas!”, deduziu, porém era tarde demais.

Quem usava o recurso para se tornar invisível golpeou Razeel por trás, na altura dos rins; um segundo ser, igualmente invisível, aproveitou sua momentânea vulnerabilidade para prender-lhe os pulsos com algemas inibidoras de magia. Tremendamente enfraquecido por elas, o rapaz não conseguiu se defender dos chutes e socos que o derrubaram no chão.

Drusila largara-o ao alcance de mercadores de escravos? Ele a xingou em pensamento e, sentindo-se dolorido, conseguiu se sentar.

— Eu ainda não tinha visto um elfo usando trajes tão esquisitos — disse um dos invisíveis.

— Nem de olhos verdes — observou o outro, tomando para si o boné de Razeel. Usavam o idioma élfico, o mais influente dos mundos mágicos. — Ele parece mais alto do que a maioria.

Duas vozes masculinas. Uma terceira, feminina, compreendeu o que os companheiros não enxergavam.

— Porque ele também é humano, como os que vimos no caminho até aqui — disse.

Com o coração apertado, Razeel reconheceu-a.

Pertencia a Tula, a garota que virara sua vida pelo avesso no passado que ainda não acontecera para ela, a paixão intensa que o tirara dos eixos... Naquele momento, porém, o rapaz era apenas um desconhecido que a intrigava.

— Se você estiver certa — disse um dos companheiros —, temos em mãos uma inacreditável aberração.

O comentário provou que não estavam apenas numa época de ódio intenso entre elfos e humanos, mas de extrema intolerância. Um mestiço como Razeel seria executado por qualquer um dos lados somente por trazer-lhes desonra e vergonha.

— Que fêmea ‘desprezível’ gerou você, mestiço? — provocou Tula. — Elfa ou humana?

Apesar de sua invisibilidade, a garota pôde ser sentida por Razeel. Agachava-se diante dele, tão próxima e tentadora... “Pelos velhos tempos!”, decidiu antes que a timidez o vencesse. Tascou-lhe um beijo guloso nos lábios que sempre seriam deliciosos. Entre surpresa e confusa, Tula retribuiu, inspirada por sua natureza passional.

Aos poucos, o efeito do pó das fadas foi se desfazendo, e a jovem surgiu em toda a sua beleza exótica que a aproximava das heroínas dos mangás japoneses. Os olhos eram negros, e suas sobrancelhas finas seguiam em linha reta até encontrarem

cabelos lisos e longos da mesma cor, repicados de modo irregular até a altura dos ombros. O corpo esguio, de curvas perfeitas, era delineado por roupas escuras: uma calça comprida justa, de cintura muito baixa, blusa sem mangas e bastante decotada, e, por cima dela, um colete curto. Braceletes e botas de cano alto completavam o visual provocante.

Tula jamais seria elfa nem tampouco humana. Na verdade, não pertencia a nenhuma das espécies existentes em mundos mágicos, humanos ou alienígenas conhecidos.

Era uma nergal.

Não mais um ponto de luz, como os nergals podiam ser vistos neste universo, o que justificava sua necessidade em se integrar a hospedeiros.

Tula exibia a mesma aparência que tinha em Nergal, seu mundo de origem. Alguém utilizara magia para transformá-la de ponto de luz em gente de carne e osso.

Se fizera isso a ela, também fizera a seu irmão Iago.

Lembrar-se de um inimigo tão terrível fez o rapaz desistir do beijo que a garota desejava prolongar. Ele recuou, abriu os olhos; ela ergueu as pálpebras, como se despertasse, e, curiosa, o fitou em busca de todos os seus segredos.

— Quem é você? — perguntou.

“Fui seu marido”, pensou Razeel. Mas contar-lhe a verdade, naquelas circunstâncias confusas de uma viagem ao passado, soava mais absurdo do que reencontrar uma ex-esposa que acabava de conhecê-lo.

— Me chame de Raz.

— Um nome tão estranho quanto você.

— E um estranho que servirá para humilharmos tanto elfos quanto humanos — disse um de seus companheiros. — Então, Tula, o que você decide?

O pó de fadas perdia seu efeito, revelando os dois acompanhantes nergals de Tula, igualmente transformados em gente, e uma prisioneira que, em silêncio, apenas observava a cena.

Lyriel.

Ela usava uma coleira de metal, também inibidora de magia. Suas asas duplas e transparentes estavam recolhidas junto às costas, o que lhe acentuava a aparência frágil; parecia ainda menor do que seu quase 1,20 metro de altura.

— Tula, o que você decide? — insistiu o nergal.

A garota ainda hesitava.

— Vamos entregá-lo aos humanos — resolveu por fim. — Será uma prova da boa vontade de meu irmão com nossos futuros aliados.

...

Algumas horas depois, já no final da tarde, a pequena comitiva, formada pelos três nergals e seus dois prisioneiros, chegou aos portões do castelo tuatha. Foi recebida com desconfiança e encaminhada para o grande salão, onde inúmeros guerreiros imensos, armados com espadas e vestidos com túnicas curtas, calças compridas e mantos de pele de animal, abriam passagem até um trono de mármore, direto para o rei que os aguardava.

Tula, a líder, parou diante dele, numa postura cínica e um tanto debochada. Razeel e Lyriel, lado a lado, permaneceram atrás, enquanto os dois nergals mantinham a retaguarda a alguma distância.

— Viemos aqui em nome do meu irmão Iago, o mais poderoso dos magos e o novo líder dos elfos — disse a garota, na língua tuatha. Os nergals, da mesma forma que os seres mágicos, podiam se expressar em qualquer idioma.

A informação sobre a nova liderança de seus inimigos não pegou os tuathas de surpresa.

— Um líder dos elfos que não é elfo — disse o rei, um homem grande, jovem e arrogante. — Foi o que eu soube, mas, sinceramente, demorei a acreditar nisso. O que são, afinal, vocês três e seu irmão? Nunca vimos seu povo.

Razeel imaginou o pior desfecho possível para a situação, pois seja lá o que Iago aprontara contra os elfos para derrotá-los — o que já era uma façanha e tanto — não impressionara o soberano nem seus guerreiros. Acostumado com as táticas tuathas, o rapaz procurou por armadilhas, ocultas entre frestas, aparentemente parte da decoração e que se intercalavam entre as janelas altas e estreitas do amplo aposento.

— Somos os nergals — disse Tula, com orgulho.

— Nunca ouvi falar! — zombou o rei.

A garota ergueu uma das sobancelhas. A um sinal seu, os companheiros empurraram Lyriel para a frente de Razeel e depois recuaram a seus lugares.

— Iago não domina apenas a Terra dos Elfos, mas também o Reino das Fadas, como pode provar nossa prisioneira, a humilhada rainha-fada — disse Tula, tocando-lhe os cabelos brancos como se lidasse com uma boneca. — Ele é poderoso e destruirá vocês se não se aliarem a ele.

— Foi por isso que veio aqui, menina? Seu poderoso irmão precisa tanto de um exército que acreditou que nós, os eternos inimigos dos elfos, iríamos lhe dar nosso apoio só por medo do que poderia nos acontecer? Diga-me: quantos nergals vocês são no total? Quatro, não é mesmo?

— Iago subjugou as fadas e, a seguir, os elfos em suas próprias casas.

— Usando magia, pelo que nos disseram. Saiba, menina, que nós, os tuathas, também dominamos a magia. Quer um exemplo? Essa coleira e as algemas que você usa em seus prisioneiros... foram os tuathas que as forjaram! Também somos guerreiros valiosos, habituados com os mais perigosos inimigos, e várias vezes já impusemos derrotas vergonhosas aos elfos, como ocorreu há séculos, quando lhes tomamos este reino, Gorias. Então, não me venha aqui com ameaças veladas! Diga a esse Iago para, da próxima vez, vir pessoalmente. Não sou obrigado a lidar com meninas de recado.

Tula fervia de raiva, assim como seus companheiros, o que deu a eles a distração com que Razeel contava. Sem que percebessem, ele aproveitou seu excesso de magreza e discretamente se livrou das algemas, folgadas em seus pulsos. No mesmo instante em que o rei erguia a mão direita para autorizar um ataque traiçoeiro, o rapaz, com a agilidade de sua natureza élfica, destravou a coleira de Lyriel para libertá-la.

Na sequência, dezenas de flechas foram disparadas por arqueiros que se escondiam nas frestas das paredes do salão. Miravam apenas um alvo: a comitiva que não teria qualquer chance de escapar.

Imediatamente Lyriel evocou um portal e desapareceu no ar, certa de que o rapaz que a libertara, como mestiço de elfo, seria capaz de agir da mesma maneira.

Mesmo com as flechas cada vez mais próximas, ele se jogou para frente, prendeu contra si a única pessoa que teria como salvar e sumiu num portal, milésimos de segundos antes que as afiadas pontas de metal pudessem atingi-los.

...

O portal foi aberto para o lugar que Razeel achou mais seguro naquelas condições, o mesmo trecho da floresta em que fora capturado. Ainda juntos, ele e Tula terminaram a fuga caindo sobre a relva.

Ela se desprende dele com facilidade, se levantou num pulo, tirou a espada da bainha e, confusa, demorou a entender que não estava mais diante do rei tuatha.

— C-Como você fez isso? — perguntou para Razeel.

— Domino um pouco de magia.

— E meus companheiros? Eles foram...

O rapaz também se colocou em pé.

— Sim, foram mortos pelas flechas. Perdoe-me, Tula. Não tive tempo suficiente para trazê-los com a gente.

Tula olhou para ele, lágrimas e ódio tomando-lhe o coração. Gritou de dor para extravasá-la. Possessa, atirou a espada longe. Depois, quis esmurrar alguém, machucar o primeiro ser vivo que simplesmente existisse.

Com paciência, Razeel conseguiu acalmá-la. Foi em seus braços que a garota chorou muito, durante longos minutos.

— Eles eram como irmãos para mim... — Ela soluçou.

O rapaz beijou-lhe a face molhada de lágrimas, acariciou-lhe os cabelos, deu-lhe todo o apoio pelo qual ela ansiava.

— Quem é você de verdade? — perguntou a garota, mirando-o no fundo dos olhos. — Por que me salvou?

— Você será a mãe dos meus filhos.

Incrédula, Tula começou a rir. Nenhum sofrimento se aprofundava nem durava para sempre, uma das vantagens da natureza nergal.

— O pedido de casamento não deveria vir antes? — brincou.

— Acredite, eu já o fiz. E nunca passei por tanto nervosismo em toda a minha vida!

— Você não diz coisa com coisa, não é?

O rapaz sorriu.

— Acontece quando estou com você — disse.

Desconfiada, Tula prendeu-lhe o rosto entre as mãos para analisá-lo melhor. Tinha a altura média dos elfos, 1,60 metro, cinco centímetros a menos do que ele.

— Não pode ser... — disse, insegura, após algum tempo. — Seu espírito... Seu espírito é nergal! Como... como isso é possível?

— Você reconhece quem fui? Nunca consegui lembrar.

— Não...

— Quando Mudu-za e seus guerreiros vieram para este universo, foram seguidos por três guerreiros eloras.

— Sim, eu sei. Nós viemos depois, escoltando o quarto guerreiro elora.

— Há um quarto?! — Razeel estranhou. — E por que a rainha elora permitiria que nergals o escoltassem?

— Como somos inimigos de Mudu-za, nós nos tornamos seus aliados.

— Nergals que são inimigos de nergals... Eu não sabia disso.

— Só não se lembra disso.

— E do que mais não me lembro?

— Que ligo deveria ser o sucessor de Mudu-za em Nergal. Quando meu irmão foi rejeitado pela escolha da maioria, nós formamos uma oposição ferrenha, inclusive contra a guerra entre eloras e nergals, que quase destruiu nosso mundo. Quando a rainha elora nos convidou para acompanharmos o quarto guerreiro, nós aceitamos na hora.

— E o que aconteceu?

— Nós nos perdemos na chegada. Viemos parar nos mundos mágicos, e ele... Bom, ainda não descobrimos onde está.

Agora me diga: como você pode ter um espírito nergal e não ser mais um nergal?

Carinhoso, Razeel cobriu com as suas as mãos que ainda lhe seguravam o rosto. A pele de Tula era quente e macia, como se lembrava.

— Os três primeiros guerreiros eloras, em combate, mataram alguns nergals antes de serem mortos — contou ele.

— E?

— Seus espíritos ficaram presos às leis de renascimento deste universo.

— Que leis são essas?

— Renascemos como outras pessoas e sem uma única lembrança de quem fomos. Daí vivemos e morremos, depois renascemos. O processo sempre se repete. Podemos ser elfos, humanos, alienígenas... Criaturas diferentes, generosas, sem qualquer ligação com Mudu-za e sua crueldade.

Tula, impressionada, tinha os olhos arregalados. Foi então que ela reparou nas pequenas cicatrizes no pulso direito de

Razeel, parcialmente descobertas pela manga da camiseta quando ele erguera os braços.

Ele não resistiu à sua curiosidade. A garota puxou o pulso para si, em busca de um melhor ângulo para identificar as palavras.

— Proteja os renascimentos — leu.

— É o que eu faço, Tula. Protejo nossa gente.

— Iago não concordaria com você. Ele nutre um grande ódio contra Mudu-za e os guerreiros que lhe deram apoio.

Aproveitaria para se vingar dos renascimentos.

— Então ele não deve descobrir.

Tula assentiu. Mas ainda havia uma última questão para Razeel esclarecer.

— Como vocês conseguiram a aparência que tinham em seu universo se aqui devem ter chegado como pontos de luz? — perguntou.

A garota mordeu os lábios.

— Vou pegar minha espada e aí... Que tal usar a sua magia para nos levar instantaneamente ao Reino das Fadas? — propôs.

...

Ir ao Reino das Fadas significava entrar em um dos mundos dominados por Iago. E rever o pior inimigo de Arthur não estava nos planos de Razeel, ainda mais porque não saberia como combater um mago como ele. Mesmo assim, concordou em abrir um portal e levar Tula ao local.

Não estava preparado para o que encontrou.

Do bosque encantado que conhecia, quase nada restava. Árvores, plantas, flores, animais... Tudo fora sugado até a morte.

Estavam em um mundo de carcaças, um lugar vazio de vida e magia.

— Como isso foi acontecer? — perguntou Razeel.

Tula indicou uma pilha de cadáveres logo adiante.

— Foram elas.

O rapaz aproximou-se. Os corpos lembravam cascas em decomposição, alguns sem suas asas, como se a essência que os mantinha vivos tivesse sido extraída.

— Essas fadas nos acharam vagando sem destino — prosseguiu Tula. — Como ainda éramos pontos de luz, não foi difícil para elas nos aprisionarem em potes de cristal, tratando-nos como insetos. Brincavam de sacudir os potes, igual a crianças.

Sim, pensou Razeel, amargo. As filhas-fadas que Lyriel criava com feitiços costumavam agir como crianças alegres e brincalhonas.

— Até que um dia Lyriel recebeu a visita de um poderoso mago...

— Quem?

— Caleb.

— O myrhan?!

— Você o conhece?

— Só as histórias sobre ele.

— Caleb desconfiou de que éramos mais do que brinquedos de fadas.

— E lhes deu a aparência que vocês teriam em Nergal ao utilizar o feitiço da transmutação.

— Você também domina esse feitiço?

— Infelizmente não. E o que houve depois?

— Eu e os outros ficamos gratos a Caleb, mas Iago... Ele usou a própria magia de Caleb para derrotá-lo.

Caleb derrotado?! Não, aquilo não era possível! Se fosse... Iago abria não apenas uma oportunidade para Mudu-za vencer a guerra contra a Aliança dos Povos, o que não ocorrera graças ao apoio de Caleb ao irmão Gotihan, mas alterava todo o futuro a partir dali.

— E como ele o derrotou, Tula?

— Não sei. Nunca imaginei que meu irmão pudesse dominar uma magia tão fabulosa.

Razeel respirou fundo, abafando o desespero que crescia em seu coração. Analisou novamente o mundo ao seu redor. Iago nunca seria capaz de reunir sozinho tanto poder, pelo que sabia. A não ser que...

— Vamos para a Terra dos Elfos — decidiu.

— Não, não vamos. Iago ficará furioso comigo por ter falhado com os tuathas.

— A comitiva não foi ideia dele?

— Foi minha. Iago queria ir pessoalmente a Gorias, só que, para evitar mais destruição, eu o convenci de que poderia lidar com os tuathas.

— Ameaçando-os.

— Sim. Agora não posso mais evitar que Gorias fique igual a isso aqui. Olha, Raz, vamos fugir! Aposto como neste universo há lugares incríveis e longe o suficiente do temperamento complicado do Iago.

Mas o rapaz já fugira antes. E com Tula vivera de modo irresponsável, sem pesar as consequências, apenas para estar ao seu lado.

Admirando mais uma vez a beleza da nergal, acariciou-lhe o rosto. Sentia os ecos de uma paixão que os unira por décadas antes da separação.

— Já segui você — murmurou. — E não deu certo.

Antes que ela tivesse qualquer chance de tentar convencê-lo do contrário, o rapaz abriu um portal e, sozinho, foi para a Terra dos Elfos.

...

Cerwin espiou o garoto humano que Drusila trouxera sabe-se-lá-de-onde para enfrentar Iago. Devia ter uns nove anos, a mesma idade do pequeno elfo. Mas como alguém tão insignificante poderia fazer alguma diferença contra o vilão que derrotara os mais bem treinados guerreiros e ainda vencera o poderoso Caleb?

A ideia só poderia ter vindo de Drusila, a criatura mágica mais desprezada pelos elfos. Era considerada manipuladora, egoísta e, acima de tudo, uma tremenda covarde. Cerwin apenas confirmava a opinião geral, levando em conta que dessa vez ela colocava a sobrevivência da própria civilização élfica nas mãos de uma criança!

Sobrara para ele tomar conta do tal garoto, que dizia se chamar Drake. Não era tuatha como imaginara a princípio, mas viera do planeta Terra, o mesmo local de origem dos tuathas.

— Gente inescrupulosa que roubou dos elfos o reino de Gorias! — ruminou Cerwin, reproduzindo o ódio de seu povo pelos humanos. O alvo de seu olhar cheio de rancor, claro, era Drake.

Dividiam o espaço apertado de um buraco nos rochedos que ladeavam um trecho do rio de águas vermelhas, a uma distância segura do vilarejo. Fora lá que Iago se instalara havia dias, após drenar parte da magia daquele próprio mundo, enfraquecer os guerreiros e esmagá-los com se lidasse com formigas.

Cerwin fora o único que conseguira escapar. Sem alternativa, acabara aceitando o plano de Drusila, que o encontrara vagando pela floresta.

Corriam contra o tempo. A Terra dos Elfos estava morrendo rapidamente para abastecer a ganância de Iago. Árvores, plantas, flores, animais... Tudo perdia a própria essência.

“Será um mundo de carcaças”, imaginou o pequeno elfo.

Tinha de fazer alguma coisa para impedir a tragédia, só não sabia o quê. Por isso era tão difícil permanecer no esconderijo, à espera de Drusila.

— Cansei de esperar — disse Drake. — Vou atrás da adaga que a Drusila me prometeu!

— Ela falou para esperarmos aqui enquanto ia buscar reforços — disse Cerwin, embora desconfiasse de que a criatura os tivesse abandonado à própria sorte.

Drake saiu do buraco, deu alguns passos e, ao notar que ia sozinho, olhou para trás.

— Você vai ficar aí? — perguntou.

Como todo elfo, Cerwin era obediente. Quebrar qualquer ordem, mesmo sendo de Drusila, ameaçava a paz de sua consciência. Mas o tom do garoto humano tinha um quê de deboche, como se o considerasse um covarde...

E a covardia jamais deveria habitar o espírito do elfo que sonhava ser um valente guerreiro, como seus pais, avós e demais antepassados.

— Claro que não! — retrucou, resolvendo seguir o outro na aventura.

...

Razeel caminhou entre elfos caídos que, à beira da morte como seu mundo, espalhavam-se pelo vilarejo. Os mais velhos e as crianças menores já tinham sucumbido, seus corpos transformando-se em carcaças vazias. Cadáveres de guerreiros, mortos pelas lâminas das espadas nergals, formavam uma pilha à espera de incineração, perto de um lago.

Seguindo seu plano, o rapaz não pôde ajudar ninguém. Rumou para o centro do vilarejo, onde havia uma estátua de pedra. Nunca encontrara um myrhan, mas sua aparência correspondia às fotografias desse povo, feitas por seus protegidos, os humanos de Gaia. Aquele tinha a mesma altura de Lyriel, cabelos muito curtos, orelhas grandes e ligeiramente pontudas, olhos imensos e nariz adunco.

Devia ser Caleb. Jovem ainda, e com os pés fincados na terra como se estivessem presos a ela. Fora transformado por Iago na tal estátua.

Razeel, enfim, pôde calcular para que época fora levado: por volta de 1280 anos antes da Era Arthur, portanto, mais de uma década antes do início da primeira guerra contra Mudu-za e seus guerreiros, inimigos que os myrhans ainda não conheciam.

— Por que minha magia não enfraquece você como faz com os elfos? — disse alguém atrás do rapaz.

— Porque sou mestiço, mestre Iago.

Virou-se para encará-lo.

Como recordava, Iago era um adolescente que teria, no máximo, catorze anos em Nergal. Ele e Tula, a irmã quatro anos mais velha, pareciam-se fisicamente. Vestido com roupas élficas — uma túnica longa até o joelho e calça comprida —, estava descalço e sorria para o rapaz por ter sido chamado de mestre. A adaga com cabo de cristal, que Razeel sabia pertencer a Caleb, estava presa a seu cinturão. Não carregava nenhuma outra arma.

— Um mestiço? Que interessante! Pelo convívio que tive com os elfos nesses últimos dias, julguei que, de tão xenófobos, fossem incapazes de tolerar qualquer tipo de miscigenação.

— Tenho sangue humano e élfico.

— Seu nome?

— Raz — disse. E acrescentou com uma reverência: — Vim conhecer o mestre que salvou minha vida.

— Salvei?

— Graças ao seu poder, pude escapar da prisão em que os elfos me encarceraram.

A aparência abatida, de ossos salientes, apenas comprovava que o mestiço sofrera maus-tratos em alguma prisão.

— E por que prenderam você? É algum criminoso?

— Sou a aberração que eles preferem esconder.

Razeel liberou seus pensamentos para que os elfos pudessem captá-los. Neles, ofendia-os, simulando um desprezo que nunca sentira, porque também pertencia àquele povo. Como resultado, recebeu olhares zangados que serviram para confirmar a Iago sua mentira.

— Peço humildemente que me aceite em seu grupo, mestre.

— E por que acha que há lugar para você?

— Posso ser muito útil, mostrando-lhe onde encontrar o cálice sagrado.

Um murmúrio entre os elfos, mistura de medo e indignação, revelou que Iago ainda não sabia sobre o cálice. “Se eu sobreviver ao nergal, acabarei executado pelo meu próprio povo”, lamentou Razeel, que voltara a trancar seus pensamentos para si.

— Seja útil, então, Raz! — cobrou o nergal.

...

— Aquele mestiço estúpido levará o inimigo até o nosso cálice! — cochichou Cerwin, furioso. Atrás de uma das casas esculpidas nas árvores, assistia a tudo ao lado de Drake. — Tenho de impedi-los!

Por ter voltado ao vilarejo, a fraqueza começava a afetá-lo, o que não diminuía sua vontade de lutar até o fim. Como o vilão e seu novo cúmplice passariam em frente ao esconderijo, teria sua chance de enfrentá-los.

— Espere... — disse o garoto humano. — Lá no buraco, você comentou alguma coisa sobre ter se esquecido de pegar um tal pó de fadas, não foi? Onde podemos arrumar um pouco disso?

— Na minha casa.

— É perto?

— Logo ali...

Drake exibiu seu melhor sorriso.

— Tenho um plano, Cerwin.

...

— Fale-me desse cálice — mandou Iago.

A alguma distância do vilarejo, subiam uma colina que, contra todas as expectativas, resistia à rápida agonia daquele mundo. O arco-íris, que inundava com cores as pedras transparentes do altar, já desaparecera, porém o cálice continuava sobre ele, no ponto mais alto da elevação. Apesar de todo o seu poder, Iago não conseguia enxergá-lo.

— Foi esculpido numa esmeralda pelos elfos há milênios. A pedra fazia parte do diadema de um anjo expulso do céu.

— E o que é um anjo?

— Um ser de luz e bondade.

Razeel pensou, com tristeza, na aparência angelical que Kirian evocara para matar a própria mãe e o pai adotivo ao se tornar um hospedeiro nergal. Retomou a narrativa.

— Gorias pertencia aos elfos e era lá que guardavam o cálice sagrado. Há séculos, quando perderam o reino para os tuathas, também perderam o cálice. Quando um dos reis tuathas adoeceu, foi um cavaleiro de Camelot, outro reino dos humanos, quem se apossou do cálice, curou o rei, levou o cálice ao próprio soberano, também doente, promoveu sua cura e

tempos depois devolveu o objeto aos elfos.

— Desde então está aqui?

— Sim.

— É uma boa história.

Razeel parou diante do altar; Iago imitou-o.

— É o que o cálice faz? Cura pessoas? — perguntou.

— Ele dá a seu portador poder de vida e de morte.

— Mas esse poder eu já tenho!

— Nesse caso, mestre, desperdiçamos a caminhada até aqui. O cálice não tem valor.

O nergal franziu as sobrancelhas, não muito convencido das próprias palavras.

— O cálice está bem na minha frente, não é?

— Sim, mestre.

— E você pode vê-lo?

— Posso. E também posso tocá-lo.

Como demonstração, o rapaz mergulhou a mão na água existente no interior do cálice; para fazer barulho, bateu os dedos.

Iago, boquiaberto, esperou que o outro recolhesse a mão encharcada e a secasse na barra da camiseta antes de tentar reproduzir a experiência. Não conseguiu tocar em nada.

— Por que o cálice não existe para mim? — perguntou contrariado.

— Acho que é porque o senhor não é um elfo.

Como Razeel esperava, a resposta teve gosto de desafio para ele.

— Não possuir sangue élfico não será um problema para mim — disse Iago.

Abrindo os braços, ele se pôs a extrair mais magia do mundo ao qual se conectara. Seus pés descalços fixaram-se na terra, enquanto seu corpo vibrava ao canalizar as correntes de energia.

O único objeto responsável por ampliar e potencializar toda e qualquer magia estava ali, preso ao seu cinturão.

A adaga mágica de Caleb.

Nas mãos do nergal, transformara-se numa arma com o único objetivo de exterminar civilizações e mundos permeados de magia.

“Pó de fadas!”, pressentiu Razeel. Havia mais gente na colina, invisível para eles.

Estreitou os olhos e se pôs a observar. Foi quando captou um movimento sutil poucos passos atrás de Iago. Alguém preparava o bote, acreditando que o nergal estivesse vulnerável para matá-lo com um golpe de espada. Estava enganado. E pagaria com a vida por seu erro.

Rapidamente Razeel calculou a trajetória da arma, a altura do atacante... E impediu a lâmina de perfurar as costas de Iago ao segurar o atacante pelo pulso. Evitou a seguir o soco que ele lhe desferiu com a mão livre e, sem muita dificuldade, conseguiu imobilizá-lo.

— Você sabe mesmo ser útil, Raz — constatou Iago, sem se virar.

A um gesto seu, todo o pó de fadas ao redor perdeu o efeito, e Razeel descobriu quem aprisionava: Cerwin ainda criança, seu futuro bisavô.

O garoto estava furioso, mas parou de se debater quando a segunda pessoa também se tornou visível antes da hora. Razeel gelou ao descobrir Drake esticando o braço para tirar a adaga do cinturão de Iago.

O nergal iria matá-lo.

— A criança humana, mestre... — atropelou Razeel. — É meu filho adotivo!

O apelo surtiu efeito. Em consideração ao suposto aliado, o nergal limitou-se a empurrar Drake, fazendo-o rolar alguns metros colina abaixo.

— O garoto elfo também é seu filho adotivo? — disse Iago, com desprezo.

— É apenas um filhote prepotente, que acabará morrendo como os outros.

— Não vou esperar tanto. Mate-o agora.

— Se eu obedecer, mestre, a Senhora da Magia, que é mãe desse garoto, não tentará salvá-lo, e o senhor perderá uma ótima chance de aprisioná-la.

Iago, enfim, voltou-se para ele. “Que Senhora?”, dizia a expressão em seu rosto.

— A líder espiritual do povo élfico e detentora de incríveis segredos de magia — completou Razeel. Novamente Iago mordera a isca. — Não a vi no vilarejo.

“Minha mãe morreu quando eu era bebê!”, gritava um pensamento de Cerwin. “Eu sei”, respondeu o rapaz, na comunicação mente a mente possível entre os elfos. “Apenas ganhe tempo, Cerwin.”

“Como sabe meu nome?”

— E onde está sua mãe, garoto? — perguntou Iago.

“Numa viagem diplomática ao mundo dos orcs”, soprou Razeel.

— Numa viagem diplomática ao mundo dos orcs — respondeu o menino. — Mas a essa altura já deve saber o que aconteceu com o nosso povo e está vindo para derrotar você!

— É mesmo? E quão poderosa ela é?

— Muito mais do que você!

O nergal achou divertido encontrar tanto atrevimento numa criança tão nova, mas lidar com ela exigia mais atenção do que poderia dispensar no momento. Apesar de seus esforços, o altar e seu cálice permaneciam invisíveis para ele.

— Leve o garoto elfo ao vilarejo — disse para Razeel. Ao reparar que Drake parara de rolar e se sentava, bastante zozinho, incluiu-o na tarefa. — E mantenha seu filho adotivo longe de mim. Não irei poupá-lo se ele se aproximar de mim novamente.

...

No vilarejo, Razeel largou os meninos que arrastava e correu até Caleb. Apressado, retirou a camiseta e, com firmeza, torceu a barra molhada pela água do cálice para que algumas gotas deslizassem entre os lábios da estátua. Baixinho, disse o feitiço de cura que ouvira o bisavô evocar para salvar Couchet e a filha.

Ansioso por algum resultado, por menor que fosse, o rapaz afastou-se.

— Que tolice é essa agora? — censurou Tula mal-humorada. Ela chegava somente naquele instante após percorrer um longo caminho, atravessar um portal público, disponível para qualquer um que viajasse pelos mundos mágicos, e andar um bom trecho pela floresta até o vilarejo. — Estátuas não sentem sede!

— Quem não sente sede, irmã? — quis confirmar Iago. Desconfiado, seguira Razeel e os meninos.

Não trazia o cálice, o que significava seu fracasso provisório em tentar segurá-lo. Ou melhor, seu fracasso definitivo, pois o cálice jamais permitiria que um coração cheio de maldade o tocassem.

— Eu disse que estou morrendo de sede — tentou consertar Tula.

Procurando não mostrar nenhum sinal de nervosismo, Razeel escondeu a barra ainda úmida da camiseta dentro de um dos bolsos da calça jeans, deixando pendurado o restante da peça. Nu da cintura para cima, ainda pensava numa desculpa para isso quando a garota o salvou.

— E estava convidando meu novo amigo para um banho de rio, o que ele aceitou de imediato — acrescentou ela.

— E como vocês dois se conheceram?

Tula deu de ombros. Depois, como se mais ninguém existisse, nem o irmão, nem os dois garotos que os observavam, nem todos os elfos que definhavam pelo vilarejo, foi até Razeel, pendurou-se nele e deu-lhe um beijo apaixonado.

Iago bufou. A irmã não lhe permitiria descobrir detalhes do que ela defenderia como sua vida íntima.

— E onde está o restante de sua comitiva? — cobrou ele.

Tula só respondeu quando terminou o beijo.

— Com os tuathas.

— E como foi lá?

Ela emendou um segundo, terceiro, quarto e muitos outros beijos. Consciente de que cansaria de esperar por mais alguma resposta, Iago amarrou a cara.

Já Razeel começava a se perder nos lábios femininos... Sem se desgrudar do rapaz, a garota conduziu-o para longe, direto para as margens do rio de águas vermelhas.

Assim que ficaram sozinhos, ele precisou de muita força de vontade para se afastar.

— Viemos tomar banho — reforçou Tula, tirando o colete.

— Este mundo... os elfos... Todos estão morrendo e eu não...

— Se quer que Iago acredite em nós, temos de tomar juntos esse banho!

Antes que Razeel pudesse impedir, ela o empurrou para dentro d'água, livrou-se da espada, das botas e mergulhou para lhe fazer companhia.

...

As pernas de Cerwin fraquejaram e, se não fosse por Drake a ampará-lo, teria caído. Sua fraqueza ficava a cada minuto mais intensa; terminaria como os demais elfos, a maioria na etapa de inconsciência antes da morte.

O garoto humano guiou-o até um canto, perto da horta coletiva. Iago, na ponta oposta, andava ao redor da estátua de Caleb, como se procurasse alguma ameaça.

— Achei que aquele elfo magricela fosse um vilão também — disse Drake. — Mas ele salvou nossas vidas e...

— Ele não é um elfo. É uma aberração.

— Hum?

— É um mestiço de elfo e humano.

— E só por isso é uma aberração?

— Sim. Humanos não prestam e só agem em interesse próprio. Como você, que só está ajudando porque pensa que vai ganhar a adaga do Caleb.

— Acha mesmo, de verdade, que é esse o motivo?

— Acho.

Com raiva, Drake soltou-o, permitindo que fosse de nariz ao chão. Cerwin gemeu de dor, sentou-se e, ofendido, dirigiu-lhe uma careta de raiva.

Iago cansara de sua análise. Com um jeito de poucos amigos, tomava a direção do rio.

— Se acha isso, Cerwin, é porque você não conhece direito os humanos — disse Drake.

E saiu correndo no encalço do nergal.

...

Era como nadar entre defuntos. O rio de águas vermelhas também agonizava, como ocorria com o restante de seu mundo. Perdia volume, força, e seus inúmeros peixes boiavam ao sabor de uma tênue correnteza.

Aquele banho a dois jamais aconteceria. Razeel retornou para a margem, seguido por uma aborrecida Tula, que não

esperava encontrar tamanha mortandade em águas que acabariam se tornando venenosas.

O rapaz tirou o par de tênis e as meias encharcadas. Deitou-se, suas costas nuas sentindo a terra e sua perda agressiva de magia. Se a água do cálice não conseguisse libertar Caleb... Não haveria mais o que fazer.

Tula deitou-se ao seu lado, também de barriga para cima.

— Vamos fugir — propôs novamente. — Voltei só para buscar você.

— E quantos mundos Iago destruirá até nos encontrar?

— Se encontrar... — Ela riu.

Razeel suspirou. Esquecera que nergals desconheciam a noção de culpa. E Tula, sem sentir qualquer responsabilidade pelos atos do irmão, não se culpava por não tê-lo impedido de provocar tanta destruição, da mesma forma que também não se culparia pelas mortes futuras.

A garota sentou-se, pôs as botas e, ao se levantar, estendeu a mão para o rapaz.

— Vamos?

— Para onde? — quis saber Iago, que se aproximava.

A irmã não perdeu a deixa.

— Para qualquer uma dessas casas esculpidas em árvores — disse ela. — Meu amigo e eu desejamos alguma privacidade.

— E para quê?

— Ora, Iago, não seja ingênuo! Você não é mais criança.

Mas não havia ingenuidade em seu olhar, que mirava Razeel com ódio. Secamente, parou à sua frente e ordenou que ele se levantasse.

Fingindo submissão, o rapaz obedeceu. Tula, apreensiva, fitava o irmão.

— Meu amigo é nosso amigo — defendeu.

— Ele fica e você vai sozinha atrás de sua privacidade.

— Mas...

— Seu amigo não é meu amigo e ainda tentou me enganar usando a água que roubou do cálice para dá-la a Caleb.

— À estátua? E por que ele faria isso se estátuas não bebem água?

— Quem está sendo ingênuo é você, irmã. Age como uma criança.

Possessa, ela fechou os punhos. Mago mais poderoso do momento ou não, o irmão caçula teria de lidar com sua autoridade de irmã mais velha.

Razeel recuou, porém ainda estava ao alcance de Iago, que apoiou a palma da mão contra seu peito.

— Intrigante... — comentou o nergal. — Há mais magia em você do que nas fadas e nos elfos. Como não notei antes?

A fúria de Tula transformou-se em medo.

— Não o mate, por favor! — pediu.

Iago, no entanto, não lhe dava mais atenção. Sugaria até a última célula de Razeel para se apoderar de mais magia. E não qualquer uma, mas a que tornava o rapaz único, a mesma que sua irmã Nerit também herdara do pai.

O toque em seu peito prendeu-o com violência. Para se equilibrar, o rapaz dividiu o peso do corpo nas duas pernas, e seus pés firmaram-se na terra. A fraqueza começou a rondá-lo, prestes a ocupar o espaço de sua energia vital, transferida velozmente para Iago.

Triste por perder Razeel, Tula retrocedeu alguns passos, sem mais nenhum argumento para interferir na decisão do caçula. Sua natureza nergal também não lhe permitia entrar em desespero, algo que, no fundo, Razeel sempre invejaria.

Presa ao cinturão, o cabo de cristal da adaga brilhava com uma intensidade apavorante, potencializando cada vez mais o poder de Iago.

A reviravolta estava ali. Sempre estaria.

Num esforço fenomenal, Razeel conseguiu se mover e alcançar a arma. Não pretendia tirá-la do lugar. Seus dedos

apertaram o cabo com força...

Antes da viagem àquele passado, Lyriel recomendara que ele não se esquecesse do poder de seu espírito.

Um espírito tão nergal quanto o do inimigo à sua frente.

Razeel não passava de mais um dos renascimentos daquele espírito, é fato, mas jamais deixaria de ser um nergal. E foi nessa consciência que se focou. Nela havia poder em estado bruto, à espera da lapidação que lhe dava cada novo renascimento.

Uma vez, unira-se a Nerit e evocara um dos mais poderosos feitiços existentes, o que nenhum dos dois conseguiria fazer sozinho. Teria de repetir o processo com Iago, querendo ele ou não.

...

Iago iria matar o magricela, e Drake tinha de detê-lo! Cerwin, porém, ultrapassou-o, a espada novamente em punho, e correu na direção dos dois para acertar o nergal.

Só não contava com Tula. Ao descobrir o plano, ela pegou sua espada, que estava caída no chão, e foi confrontar o pequeno elfo.

...

Como previu, a adaga funcionava como um catalisador para ambos os lados. No mesmo instante, Razeel passou a ampliar a energia que Iago extraía dele e do mundo em que pisavam. Também o aprisionava.

— Pare! — ordenou o nergal preocupado.

Foi com imensa satisfação que o rapaz mestiço leu o medo nos olhos do outro quando começou a falar na língua nergal, criando ali um feitiço para aumentar ainda mais a ação da adaga.

— Quem é você...? — murmurou Iago no mesmo idioma.

Amortecidos pela pressão em apertar a arma, Razeel não sentia mais os dedos, e seu corpo começava a não mais responder a seus comandos. Mesmo assim, não negaria uma resposta ao inimigo que, no futuro, traria muito sofrimento à sua família.

— Eu sou o filho do meu pai — disse com orgulho.

...

As espadas de Tula e Cerwin chocaram-se, mas o garoto enfraquecido não era páreo para a nergal. Ela o desarmou, entediada, e se preparou para lhe arrancar a cabeça.

...

A adaga continuava a reunir e a intensificar perigosamente o poder de ação da magia.

Não aguentaria por muito mais tempo.

...

Tula foi atingida por trás, na altura dos joelhos, por um bastão que Drake improvisara com um galho de árvore. Ela caiu de quatro e ainda recebeu golpes nas costas e nas nádegas que a atordoaram por segundos.

Ocupada demais em se defender, não viu que Cerwin recuperava a espada para matá-la.

...

Ao ultrapassar seu limite máximo, o cristal no cabo da adaga ardeu na própria claridade, transformando-se numa explosão de luz.

Razeel e Iago, arremessados cada um para um lado, tombaram longe. A magia espalhava-se sem qualquer contenção, retomando a natureza, a vida, a sobrevivência de quem dependia dela.

A Terra dos Elfos e, na sequência, o Reino das Fadas recuperavam o que lhes fora roubado.

...

Atingidos pela luz, Tula e os garotos também foram jogados a metros de distância uns dos outros. Por sorte, só ganharam hematomas e arranhões.

Já Razeel, tão exaurido quanto Iago, teve certeza de que quebrara alguns ossos. A dor impedia-o de se mexer. Caído adiante, o nergal não estava melhor do que ele. Ambos vivos, porém incapazes de continuar a luta.

Foi nesse momento que Caleb, seguido por vários elfos, chegou ao local. A magia, novamente livre, dera-lhe condições de se libertar da condição de estátua, assim como recuperara vítimas à beira da morte.

Ao sentir a presença do myrhan, Iago encontrou no ódio forças para se sentar. Ergueu as mãos, apontando-as para ele. Não teve tempo para mais magia.

Caleb lançou-lhe o feitiço da transmutação. Instantaneamente os pés do nergal transformaram-se em raízes, e o restante de seu corpo tornou-se carvalho, galhos e folhagens.

— Seu maldito! — gritou Tula.

Já em pé, ela corria com sua espada para atingir o myrhan. Recebeu o mesmo destino do irmão.

Duas novas e delicadas árvores que enfeitariam o cenário bucólico daquela floresta por muitos séculos.

...

Foi Drake quem encontrou a adaga no vão entre algumas pedras junto ao rio. Sobrara apenas a lâmina. Do cabo de cristal, não sobrara nem um caquinho. Como aquele objeto não lhe pertencia, resolveu devolvê-lo ao dono.

Para chegar até ele, teve de furar o cerco de elfos ultrajados, em volta de Caleb e do magricela, a quem ele servia um gole de água num cálice de esmeralda. Os protestos defendiam que uma aberração como aquela não deveria existir e, por isso, não merecia a dádiva de beber de um recipiente tão sagrado. Não enxergavam o coitado como herói e sim como o oportunista que acidentalmente os libertara ao disputar a adaga com Iago.

— Vocês estão enganados! — defendeu uma fada, surgindo entre eles. — Este rapaz tem um coração nobre e salvou a minha vida!

Como Drake descobriria, admirado por conhecer alguém tão suave e encantador, a recém-chegada era a rainha de um mundo feérico.

A voz de Lyriel foi abafada. E Cerwin, que também poderia comprovar as boas intenções do rapaz, manteve-se calado,

sem coragem de admitir a verdade.

Alheio à oposição ao redor, Caleb ajudou o rapaz a se levantar. O cálice, que o curara, foi devolvido ao elfo mais próximo.

— Gostaria de agradecê-lo — disse o myrhan —, mas não sei seu nome.

— Sou Razeel.

Nem nome de elfo aquele mestiço tinha, criticaram alguns. Ainda bem, disseram outros, aliviados.

— É uma palavra do meu idioma — disse Caleb. — Significa aquele que vem de longe.

Razeel não alimentou a tentativa de puxar conversa. Olhava para as novas árvores do cenário, perdido em preocupações.

Era a oportunidade de Drake. Antes que reparassem nele e lhe direcionassem parte de tanto racismo, aproximou-se de Caleb e entregou-lhe a adaga. Recebeu em troca um sorriso de gratidão e a promessa de que a arma ganharia um novo cabo de cristal, ainda mais bonito do que o anterior.

— Nunca concentre tanto poder em um único objeto mágico — criticou Razeel, de repente muito atento à conversa.

— Aprendi minha lição da pior maneira possível — admitiu o myrhan, com humildade. — Quem lhe ensinou a sua?

— Minha professora de magia.

— Uma mulher sábia, sem dúvida. Fique tranquilo. Não usarei um cristal tão potente dessa vez.

Drusila apareceu em seguida, rompendo e ignorando o cerco élfico.

— Pronto para irmos? — perguntou a Razeel.

Receoso de que ela o esquecesse, Drake ia chamá-la, mas foi detido por Cerwin.

— Você salvou minha vida, humano. Qual pagamento exige?

O filho de Kirian e Hannah não pestanejou:

— Que você deixe de ser tão covarde!

E ultrapassou-o para se colocar ao lado de Drusila. Com uma reverência exagerada a Caleb, ela sumiu levando o mestiço e o humano, para alívio da comunidade local.

...

Envergonhado de si mesmo, Cerwin baixou a cabeça. Sentiu-se ainda pior quando Caleb silenciou os demais.

— No futuro, haverá um grande rei que será conhecido como Arthur — previu o myrhan, com os olhos brilhantes de esperança. — Em seu reino, as diferenças serão respeitadas. Elfos, humanos, seres mágicos ou não, todos trabalharão juntos para construí-lo. E haverá paz entre os povos.

“Não sou um covarde”, definiu-se Cerwin.

Reunindo toda a sua coragem, ergueu a cabeça e, solene, contou a todos como sua vida fora salva pelo garoto humano e pelo rapaz mestiço que jamais poderia ser considerado uma aberração.

...

No parque em Gaia, o maestro ainda agradecia os aplausos do público. Lyriel, disfarçada com o chapéu e o sobretudo, tremeu de frio. Um vento gelado apossava-se daquela área descampada.

Piscou e, aturdida, reparou que Drusila já estava de volta, acompanhada pelo renascimento de Drake, o menino oficialmente chamado Erec De Sutter, e um Razeel descalço e vestido apenas com a calça jeans molhada e suja de terra.

— Vá para casa e tome um banho quente antes que você ganhe um resfriado — disse para o rapaz. — Levarei o Drake para a mãe dele.

— E eu? — reclamou Drusila.

— Roube algum bolo delicioso e nos encontre depois. Ainda não comemoramos o aniversário do Raz.

...

Drake também quis participar da festa de aniversário, mas não houve acordo.

— Não faltarão oportunidades para você nos visitar de novo — disse a rainha das fadas antes de desaparecer e deixá-lo sozinho no grande salão do castelo de Sutter.

Ao escutar a voz da mãe, vinda da cozinha, o garoto disparou em sua direção. Tinha uma aventura fantástica para lhe contar!

...

Na Terra dos Elfos, Razeel não conseguiu ir direto para sua casa. Ainda preocupado tanto com o passado quanto com o futuro, fez uma longa caminhada pela floresta, sob o luar, confirmando a presença da magia em cada detalhe, da vida que se expandia graças a ela. O rio de águas vermelhas, abundante, enérgico e volumoso guardava zelosamente seus diferentes e agitados cardumes. A morte deixara de ser uma sentença para retomar sua função no ciclo de renascimentos.

O rapaz parou junto ao ponto em que deveria existir a árvore de Iago, ocupada pela relva. Havia muito que, sozinho, o nergal descobrira como escapar, abandonando a irmã que só seria liberta do feitiço da transmutação mais tarde, graças a Arthur.

Outra história. Ou, como diria Drusila, outra partida do tabuleiro.

— Já voltarei para a prisão — avisou o rapaz, sentindo a aproximação de Cerwin.

Não esperava pelo gesto do bisavô, que se despediu da própria túnica para cobri-lo.

— Você deve se cuidar melhor, Raz. Hoje está muito frio.

O garotinho de nove anos crescera e tornara-se um corajoso e respeitado líder. Apesar de seu perfil rígido no cumprimento das leis e de suas desconfianças em relação aos humanos havia mais de dois mil anos, Cerwin lutara e ainda lutava contra toda forma de discriminação. Razeel nunca percebera antes quanto se orgulhava de ser seu bisneto.

— Obrigado — disse ele, a voz trêmula de emoção — por me ensinar tanto.

Cerwin esboçou um sorriso.

— Convide-me para sua festa de aniversário — disse o bisavô, irreverente. — Drusila já trouxe o bolo.

...

Cética, Hannah atribuiu a improvável história do filho a alucinações provocadas pelo trauma da fuga. Chateado com aquela reação, Drake enfiou na cabeça que provaria a ela a existência de elfos racistas, mestiços magricelas, fadas-rainhas, criaturas transparentes e flutuantes, magos que transformavam outros magos em estátuas de pedra, explosões de magia e tudo o mais que pudesse encontrar em suas futuras viagens.

Os dias, entretanto, foram passando, e o garoto travesso continuava sufocado pela vigilância materna.

Até que, numa manhã, ele despertou com um presente ao lado de seu travesseiro. Embrulhado em papel colorido, estava a adaga mágica, com o novo cabo de cristal que Caleb prometera colocar. Desenhos em relevo embelezavam ainda mais o artefato. Havia também um bilhete, escrito numa letra bonita.

“Drake”, dizia, “Lyriel manteve esta adaga myrhan em segredo até finalmente devolvê-la no meu último aniversário. É um objeto que está na nossa família há séculos... Guarde-a para mim. Do amigo, Razeel”.

Drake pulou da cama, foi até uma janela aberta e, como se equilibrasse um tesouro na palma da mão, ergueu-o para vê-lo brilhar sob a claridade da manhã.

A verdadeira aventura ainda não terminara.

Capa: GUILHERME RODRIGUES

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de original

VIVIANE MAUREY E SOPHIA LANG

Coordenação Digital

LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub

FABIAN J. TONACK

Edição Digital: março, 2015

G614a

Gomes, Helena, 1966-

A adaga mágica [recurso eletrônico] / Helena Gomess. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.
recurso digital (A caverna de cristais)

Sequência de: O Primeiro Guerreiro

ISBN 978-85-8122-526-5 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

15-19718

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Helena Gomes é jornalista, escritora e professora universitária. É da sua paixão por cinema, televisão e histórias em quadrinhos que vem a inventividade presente em seus mais de 20 livros já publicados.